

RESENHA

HARVEY, David. **Para entender O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior¹

O capital entendido

Nesta resenha, iremos destacar a *leitura* que o geógrafo britânico David Harvey faz d'*O capital* (Livro I) abordando as ideias centrais que permeiam a obra *Para entender O capital*. O objetivo de Harvey é apresentar os fundamentos da teoria marxiana e nos guiar, tal como numa viagem, por uma exploração da crítica da economia política de Marx.

David Harvey é professor emérito de Antropologia no Centro de Pós-Graduação da City University of New York (CUNY-EUA) e tem se destacado como um dos maiores intelectuais do nosso tempo, cujas contribuições têm se expandido para além das fronteiras científicas da Geografia, como a Economia, a Sociologia e a Arquitetura.

No prefácio de *Para entender O capital*, Harvey esclarece que as *razões* que o levaram a escrever este *livro-guia* giram em torno da economia política global. De um lado a crise econômica global que gerou um interesse pela análise de Marx. Por outro, fatos históricos como a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria acabaram por transformar o período em não muito fértil para o pensamento marxiano e a política revolucionária. Em vista disso, *Para entender O capital* está dividido em onze capítulos além da Introdução, a saber: (1) *Mercadorias e Troca*;

¹Professor de Geografia do curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Campus de Pinheiro). Mestrando em Geografia Humana na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Contato: aj_ramone@hotmail.com.

(2) *Dinheiro*; (3) *Do capital à força de trabalho*; (4) *O processo de trabalho e a produção de mais-valor*; (5) *A jornada de trabalho*; (6) *O mais-valor relativo*; (7) *O que a tecnologia revela*; (8) *Maquinaria e grande indústria*; (9) *Do mais-valor absoluto e relativo à acumulação do capital*; (10) *A acumulação capitalista*; e (11) *O segredo da acumulação primitiva*. A obra conta ainda com um epílogo intitulado *Reflexões e Prognósticos*.

Na *Introdução*, o geógrafo britânico escreve que, para Marx, um conhecimento novo surge do ato de tomar blocos conceituais radicalmente diferentes, friccioná-los uns contra os outros e fazer arder o fogo revolucionário. Por isso, destaca as *três grandes tradições intelectuais e políticas* que inspiraram Marx na feitura de *O capital*: a) A economia política do século XVII até meados do século XIX; b) A reflexão e investigação filosófica iniciada pelos gregos e desenvolvida por alemães e franceses; e c) Socialismo Utópico. Do ponto de vista metodológico, David Harvey destaca *duas dimensões*: a primeira é a que Marx faz uma distinção entre *modo de exposição* e *modo de investigação*; a segunda é a que o *método de investigação é de descenso e ascensão*. A *dialética* também é fundamental para compreender o *movimento do capitalismo*.

No primeiro capítulo, *Mercadorias e Troca*, Harvey aponta que Marx escolheu a mercadoria como denominador comum uma vez que se trata de algo familiar e comum a todos nós, sem distinção de classe, raça, gênero, religião, nacionalidade ou preferência sexual. Arelado à mercadoria, o geógrafo britânico apresenta um padrão de argumento em Marx que *triangula* valor de uso (qualidade e quantidades materiais, heterogêneo), valor de troca (quantitativo e homogêneo), e valor (imaterial e relacional, “tempo de trabalho socialmente necessário”). Cabe destacar a relação que David Harvey estabelece entre as três formas de espaço-tempo (absoluto, relativo e relacional) e as três formas de valor (valor de uso, valor de troca e valor)².

Em *Dinheiro*, segundo capítulo da obra, David Harvey retoma as *três determinações do dinheiro* abordadas por Marx no *O capital*, que são: *medida dos valores*, *meio de circulação* e *dinheiro* (propriamente dito). Nesse capítulo, Harvey chama atenção para diversos pontos como a ineficiência do ouro como meio de circulação, a denominação monetária como *constructo* fetichista, a teoria do valor-trabalho, a dialética como forma de lógica expansionista, a existência hodierna de um sistema puramente simbólico sem nenhuma base material clara, uma

²Este argumento já era encontrado na obra de David Harvey de 2006, *The Limits to Capital*, na qual: “These three spatio-temporal frames - absolute, relative and relational - must be kept in dialectical tension with each other in exactly the same way that use value, exchange value and value dialectically intertwine within the Marxian theory”.

mercadoria-dinheiro universal, a contradição entre a limitação quantitativa e a “ilimitação” qualitativa do dinheiro, bem como a diferença entre capital e dinheiro.

Depois disso, no terceiro capítulo, *Do capital à força de trabalho*, o geógrafo britânico destaca que, para Marx, o capital não é uma coisa, mas um processo. Logo, nem todo dinheiro é capital porque capital é valor em movimento. Já a força de trabalho consiste nas capacidades físicas, mentais e humanas de incorporar valor às mercadorias. Disso, conclui que a força de trabalho cria valor.

O processo de trabalho e a produção de mais-valor é o quarto capítulo da obra. Para Harvey, a compreensão dialética do processo de trabalho como um momento metabólico implica que as ideias não podem surgir do nada. O geógrafo sinaliza para o fato de Marx destacar a noção de *trabalho* como central na relação do homem com a natureza. David Harvey aponta que, inicialmente, o objeto sobre o qual é realizado o trabalho está dado no conceito de terra, na natureza bruta; mas que Marx se distancia rapidamente dessa ideia e passa a distinguir entre natureza bruta e matérias-primas. Harvey esclarece ainda que o mais-valor resulta da diferença entre o valor que o trabalho incorpora nas mercadorias numa jornada de trabalho e o valor que o trabalhador recebe por entregar ao capitalista a força de trabalho como uma mercadoria.

No capítulo cinco, *A jornada de trabalho*, o autor assinala que o foco de Marx é a história da luta de classes em torno da duração da jornada de trabalho. Harvey destaca que, para Marx, questões importantes devem ser formuladas nos termos da luta de classes e não como uma simples questão de direitos. David Harvey expõe que a máquina (capital fixo) deve ter sua dinâmica de uso (seu funcionamento) fixada, ou seja, deve ser utilizada todo *tempo*. Há de se destacar, ainda, que os capitalistas, na visão do geógrafo, não podem deixar de forçar a superexploração de suas bases fundamentais de recursos, que são a terra e o trabalho. A superexploração da força de trabalho é possível também graças à população excedente. Com a extensão da jornada de trabalho, o sistema de turnos e o revezamento, tudo isso com vistas à produção de mais-valor, a *determinação social do tempo* (a invenção da hora) aparece em íntima relação com o papel da luta de classes. Nesse sentido, Harvey aproxima Marx (luta de classes) de Foucault (disciplina temporal), já que na concepção do geógrafo é uma ironia o fato do universo linguístico anglo-saxão tratar Foucault como um pensador radicalmente contrário a Marx³.

³Para um posicionamento oposto ao de Harvey, ou seja, que concebe *Foucault como um legítimo adversário de Marx*, com o qual concordamos, ver: (1) COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2010; e (2) RODRIGUES, Mavi. *Michel Foucault sem espelhos: um pensador proto pós-moderno*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ESS, 2006.

O mais-valor relativo é o sexto capítulo da obra. Nele Harvey comenta que aos capitalistas interessam a diminuição do valor dos produtos que compõem o salário. Propõe ainda uma questão: o mais-valor poderia ser produzido por meio de uma estratégia de classe? A qual responde de duas formas: primeiro cita o exemplo que Marx relata no *O capital* sobre a abolição das *Corn Laws* como resultado da articulação dos industriais ingleses; segundo, utiliza o exemplo do Estado de Nova York, que não taxa a venda de alimentos porque ela é vista como fundamental para determinar o valor da força de trabalho. O geógrafo britânico aponta, além disso, que, embora não sejam uma fonte de valor, máquinas podem ser uma fonte de mais-valor relativo para o capitalista individual. Com isso demonstra, tal como Marx já havia mostrado, que se trata de uma *crença fetichista* achar que as máquinas são fonte de valor. No que tange à cooperação e a divisão do trabalho, David Harvey escreve que o que Marx tenta mostrar é como estas potencialidades positivas são apropriadas pelo capital para seu benefício particular e transformadas em algo negativo para o trabalhador. Para Harvey há também uma tensão interessante entre expansão geográfica (o trabalho realizado numa ampla área) e concentração geográfica (a concentração de trabalhadores num mesmo local com o propósito de haver cooperação). Destaca-se também a crítica que o geógrafo britânico recupera de Marx ao enfatizar o fato dos capitalistas amarem a organização planejada da produção em suas fábricas, mas abominarem a ideia de qualquer tipo de planejamento social da produção na sociedade.

A relação com a natureza é do que o sétimo capítulo da obra, *O que a tecnologia revela*, trata. Natureza essa que, para Harvey, Marx não descreve explicitamente em termos de produção. Assim, o geógrafo britânico remete à leitura do livro *Desenvolvimento Desigual*, do geógrafo Neil Smith⁴.

Maquinaria e grande indústria é o título do oitavo capítulo. Aqui David Harvey aponta que nas fábricas e indústrias os trabalhadores são reduzidos à tarefa vitalícia de servir a máquinas particulares. Dessa forma, os capitalistas desenvolvem conscientemente novas tecnologias como instrumentos da luta de classes. Ademais, ao falar do colonialismo inglês na Índia, à época que Marx escrevera *O capital*, Harvey retoma o conceito de *ajuste espacial*⁵, ou seja, a resolução do problema de

⁴Neil Smith (1954-2012) foi um geógrafo e professor de Antropologia e Geografia do centro de pós-graduação da City University of New York (CUNY-EUA). Em 1984, nos Estados Unidos, publica seu principal livro: *Desenvolvimento Desigual* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988), procurando demonstrar o caráter geográfico do desenvolvimento desigual. Neil Smith, a partir de uma análise marxista, atrela o conceito filosófico de *produção do espaço* ao mecanismo analítico-geográfico das *escalas* com o intuito de espacializar a economia política capitalista. Nesse sentido constata uma dialética entre diferenciação e equalização geográficas.

⁵Ver HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Trad. Carlos SZLAK. São Paulo: Annablume, 2005. pp. 95-126.

aplicação do excedente de capital por meio de deslocamentos geográficos e temporais.

No capítulo nove, *Do mais-valor absoluto e relativo à acumulação do capital*, o geógrafo britânico assinala que seria impossível ganhar mais-valor absoluto sem uma base tecnológica e organizacional adequada. Isso porque, de modo inverso, o mais-valor relativo não teria sentido algum sem uma duração da jornada de trabalho que permitisse a apropriação de mais-valor absoluto. E quando fala da acumulação do capital, David Harvey é capaz de articular dialeticamente a apropriação de mais-valor, a mercadificação da força de trabalho, o empobrecimento do proletariado, a desigualdade de classes, o consumo movido a dívidas, o direito de propriedade e o poder de classe. A acumulação do capital envolve a dominação do trabalhador como apêndice do capital. Além do mais, as liberdades e os direitos burgueses mascaram a exploração e a alienação. Ele critica, ainda, o crescimento econômico capitalista no qual a ciência e a técnica se convertem em alavancas da acumulação de capital.

No décimo capítulo, *A acumulação capitalista*, Harvey registra que Marx operacionaliza um modelo sinóptico da dinâmica capitalista. O geógrafo britânico aponta que todo tipo de infraestrutura (ambientes construídos) fornece as condições necessárias à produção capitalista. Quando fala de *crises*⁶, David Harvey atesta ainda que é considerável a probabilidade de crises frequentes de desproporcionalidade e crises generalizadas ocasionais, decorrentes de instabilidades geradas pelas mudanças tecnológicas. O capítulo aborda, além disso, questões relacionadas à concentração do capital (incorporações, fusões), à centralização (concorrência, crédito), à população (em que Marx se opõe à Malthus no que tange ao fato deste naturalizar o desemprego e a criação da pobreza) e às tecnologias que eliminam postos de trabalho. Destaque-se, ainda, a distinção entre superpopulação relativa, que é subdividida em flutuante, latente e estagnada.

E em que consiste *O segredo da acumulação primitiva*, tema do último capítulo da obra? Basicamente na temática da colonização, do segredo que a economia política do Velho Mundo descobre no Novo Mundo. A grande contribuição do

⁶O tema das crises foi também abordado por Harvey em *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. (Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011). Para o geógrafo britânico, a explicação das crises tem vindo de *três grandes campos do pensamento*: o esmagamento do lucro (os lucros caem porque os salários reais aumentam), a queda da taxa de lucro (mudanças tecnológicas que poupam trabalho se voltam contra o capitalista e a concorrência “ruinosa” derruba os preços), e as tradições do subconsumo (a falta de demanda efetiva e a tendência para a estagnação associadas com a monopolização excessiva).

geógrafo britânico está no fato de que ele amplia o conceito de *acumulação primitiva* para *acumulação por desapossamento*⁷.

Finalmente, no epílogo, *Reflexões e Prognósticos*, David Harvey nos oferta um resumo da sua leitura do *O capital*. Questões como o dinheiro, força de trabalho, meios de produção, recursos naturais, tecnologia, demanda efetiva, sistema de crédito, centralização e circulação do capital, formam o conteúdo do sólido arsenal teórico que Harvey lança mão na interpretação e, principalmente, para a transformação da realidade.

Por tudo isso, *Para entender O capital* demonstra ser um livro que transcende os próprios objetivos do autor. Transcende porque Harvey tem insistentemente buscado iluminar a complexidade do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo. Como geógrafo e marxista, Harvey atrela todo seu projeto intelectual à construção de uma sociedade pós-capitalista, *comunista* por assim dizer.

⁷Em outros livros, como *Enigma do capital* e *O novo imperialismo*, o conceito de *acumulação por desapossamento* aparece traduzido como *acumulação por despossessão* e *acumulação por espoliação*, respectivamente. Em todo caso, o conceito diz respeito à criação de novos mecanismos de acumulação além daqueles salientados por Marx: Acordo TRIPS (*Agreement on Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights*), biopirataria, mercadificação da natureza, privatização de bens públicos e regressão dos estatutos regulatórios destinados a proteger o trabalho.